

O ENVOLVIMENTO DOS ACADÊMICOS DA PSICOLOGIA DA FSG NAS ELEIÇÕES 2014

Daniela Grolli¹
Evelaine da Silva Jacobi¹
Suzana Silva Kroeff¹
Taíse Moschen¹
Odir Berlatto²

Resumo: A fim de se obter uma melhor compreensão de como se deu o envolvimento dos acadêmicos de Psicologia nas eleições de 2014, o artigo apresentado propõe fazer uma busca literária de como se deu o processo eleitoral no Brasil, definindo conceitos importantes para a melhor compreensão do contexto histórico/político e também as impressões subjetivas que este cenário desenvolve como marcas no indivíduo. Por se tratar de ano eleitoral o presente trabalho teve por objetivo desvelar a forma de envolvimento dos acadêmicos do curso de Psicologia da Faculdade da Serra Gaúcha com as eleições 2014, observando assim as contribuições da política para a cidadania e os critérios utilizados na hora da escolha do candidato.

Palavras-Chave: Cidadania, Eleições, Psicologia, Política.

1 INTRODUÇÃO

O processo eleitoral no Brasil passou desde seu início por grandes transformações. Inicialmente, nas épocas do Império e Monarquia, apenas a classe abastada tinha direito ao voto. A situação começou a mudar com a República Velha, mas logo em seguida, na Era Vargas, a situação retrocede até que, em 1985, é eleito o primeiro Presidente da República.

Esse contexto histórico político do país vem se desenvolvendo e construindo um meio social aos quais os sujeitos estão inseridos. Este *socius* que marca e molda os indivíduos também proporciona meios de ser/estar no mundo permitindo assim que este sujeito seja visto como cidadão do meio cultural ao qual faz parte. Sendo assim, entende-se que uma das relevantes formas de sentir-se parte desse contexto é poder participar da escolha dos representantes políticos do país.

Em ano de eleições, um dos assuntos que vem despertando muita atenção e tem tido grande proporção é a política. Hoje, um dos campos mais investigados dentro da ciência política é o estudo do comportamento eleitoral, ou seja, os critérios que levam os indivíduos a escolherem entre um e outro candidato. Diante desse cenário, este trabalho investiga: de que forma os acadêmicos do curso de Psicologia da Faculdade da Serra Gaúcha (FSG) se envolveram com as eleições 2014?

¹ Acadêmico do Curso de Psicologia da Faculdade da Serra Gaúcha.

² Mestre em Filosofia. Filósofo. Professor do Curso de Psicologia da FSG.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nosso país encontra-se num momento de total descrédito em relação à política. Governos que roubam formados por políticos corruptos têm desestimulando a população no seu exercício cívico de votar e acreditar que o cenário pode ser diferente. Diversos têm sido os movimentos de protesto, como o que aconteceu em junho de 2013, onde manifestantes foram para a rua reivindicar. Mas será que a consciência coletiva está abarcando corretamente os conceitos de política e de participação política? Esta inquietação levou-nos, primeiramente, a resgatar tais conceitos.

Seria muito simplista nos atermos às definições de política apresentadas por Ferreira (2004, p. 1592), onde esta é definida como se referindo à ciência política, ao “conjunto de objetivos que enformam determinado programa de ação governamental e condicionam a sua execução e as habilidade no trato das relações humanas, com vista à obtenção dos resultados desejados”, ou seja, a ciência política é a atividade exercida pelos cidadãos, seja através do seu envolvimento com assuntos públicos, seja através do voto para o direcionamento do Estado.

Conforme apresentado por Silva (2010, p. 336), o termo política tem origem grega, pautado na atividade social “desenvolvido pelos homens adultos da polis grega”, tanto para o indivíduo como para o Estado, preferindo esta última por abarcar maior número de pessoas envolvidas. Aristóteles defendia a política como “uma atividade ética que tinha a função pedagógica de transformar homens em cidadãos”.

Ao longo da história percebe-se que o termo política tem suas definições transformadas, de acordo com os cenários de cada período. A começar por Maquiavel (1513), fundador da ciência política, que considera ter “a ver com estratégias, ações racionais e objetivos a conquistar” (SILVA, 2010, p. 336), passando por Karl Marx que incluiu as “classes sociais e suas contradições” (SILVA, 2010, p. 336) passando ao conceito atual que inclui “politização do cotidiano, ações de protesto e lutas sociais que se dão em esferas não institucionais”. (SILVA, 2010, p. 336).

Assim como o conceito de política se modificou ao longo dos anos, o conceito e as formas de participação acompanharam esta alteração. Os motivos que levaram a estas mudanças da forma de participação política podem ser explicados pelos “diferentes contextos institucionais, de mudanças populacionais e da cultura política” (CASTRO; REIS, 2012, p.

22), ou seja, um conjunto de fatores que englobam desde os econômicos às mudanças de valores humanos que acontecem gradativamente e que aponta para uma sociedade mais coesa (ou não), fundamentais para o funcionamento da democracia.

Como participação política entende-se que pode se dar através de duas formas “[...] direta ou indireta: por participação direta temos o indivíduo agindo, informando e reivindicando; já a participação indireta é fazer parte, legitimar tal ato ou associação” (CASTRO; REIS, 2012, p.22). Avelar, (2007 apud CASTRO; REIS, 2012) defende que as participações políticas

vão desde as mais simples, como conversas com amigos e familiares sobre os acontecimentos políticos locais, nacionais e internacionais, até as mais complexas, como fazer parte de governos, mobilizar pessoas para protestar contra autoridades políticas, associar-se em grupos e movimentos para reivindicar direitos, envolver-se nas atividades da política eleitoral, votar, candidatar-se, pressionar autoridades para mudanças nas regras constitucionais, para favorecer grupos de interesses dos mais diversos, e mais uma plêiade de atividades que circundam o universo da vida política [...] (p. 22).

Quando falamos de participação política relacionamos com participação eleitoral, associando a voto e ao cumprir o papel de cidadania. A palavra cidadania está carregada de uma contextualização histórica que, segundo Carvalho (2002), teve força e ganhou visibilidade com o término da ditadura em meados do ano de 1985. Este evento marcou a história da população e também deu voz ativa a ela.

Nesse sentido, entende-se que o contexto social e cultural de um país implica na subjetividade dos indivíduos que dele fazem parte. Contudo, é possível observar que há uma moldagem da população por crenças, políticas e opiniões que fazem parte desta rede de saberes e, como seres agentes e não passivos, influenciamos neste cenário, causando assim uma ressonância. Uma forma de provocação direta nesse enredo é a oportunidade de escolher as pessoas que nos representam, sendo assim, com o voto oportunizamos o direito de decisão sobre assuntos pautados e pertinentes a todos.

Tendo em vista a verosímil importância do voto como forma de expressão da cidadania torna-se passível reflexão sobre o assunto, o qual explana sobre direitos e deveres dos sujeitos. Para Jesus (2014), quando se aborda esta temática faz-se necessário um olhar diferenciado que está além dos direitos e deveres de cada indivíduo. O autor explana sobre o entendimento global onde todos fazem parte de um mesmo contexto sócio cultural afirmando que a cidadania diz respeito ao direito de escolha ou de ser escolhido.

Em período eleitoral, os meios de comunicação, especialmente rádio e televisão, apresentam demasiadamente matérias e propagandas sobre as eleições. Em meio a tanta propaganda, a quantidade de candidatos, propostas e, as acusações que trocam entre si, torna mais difícil a missão de decidir em quem gostaríamos que nos representasse no governo.

Os debates ajudam os eleitores a conhecerem as propostas dos seus candidatos, assim como a propaganda eleitoral obrigatória, porém, há outros meios de comunicação que auxiliam na escolha do voto. Conhecer melhor o histórico pessoal e profissional do candidato dá indícios de como ele vai agir futuramente, caso eleito. Segundo o site do TSE (2014, s.p.), a internet é a melhor ferramenta de pesquisa dos candidatos, pois “nada escapa à rede mundial de computadores”. É na internet também que as pessoas podem ter acesso a vida dos candidatos e dos seus respectivos partidos, através do site do candidato e das redes sociais.

Há aqueles que por não gostarem de se envolver ou por não entenderem bem sobre o processo eleitoral no Brasil, não buscam mais conhecimento e votam apenas nos candidatos que mais simpatizaram ou se deixam influenciar pelas opiniões dos familiares, amigos, vizinhos, preferindo votar em branco ou até mesmo anular o voto.

Praticar a cidadania com o voto nos tenciona a observar a realidade que vivenciamos. Muitos interesses estão envolvidos neste jogo político fazendo-se imprescindível a conscientização no momento da escolha. Nesse sentido, “o eleitor precisa ter a consciência de que o voto é um instrumento de pressão política para a conquista dos direitos prescritos constitucionalmente, não podendo ser usado como moeda de troca.” (JESUS, 2014, p. 20).

Ao abordar este relevante tema alguns questionamentos tornam-se latentes, pois como se observa, um desvio ético e de interesse por parte de alguns representantes, a política, o voto, a cidadania e a participação política perdem um pouco de sua essência. Este jogo de poderes e necessidades submete à política uma dura realidade de disputa de poder e barganha, já que muito se perdeu na seriedade em cumprir com a democracia.

3 METODOLOGIA

Considerando o objetivo do trabalho, de pesquisar o envolvimento dos acadêmicos da Psicologia da FSG nas eleições 2014, configuramos a metodologia proposta como pesquisa de campo, “aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta ou hipótese” (ANDRADE, 2001, p.

127), de caráter exploratório. Este foca o presente trabalho não na formulação de hipóteses, mas na busca por informações sobre o referido assunto. Como aborda Marconi e Lakatos (2002, p. 69), “a pesquisa exploratória realiza descrições precisas da situação e quer descobrir as relações existentes entre os elementos componentes da mesma”. Também indicada, ainda para o mesmo autor, quando se tem pouco conhecimento do problema a ser estudado, como no caso em questão em que se desconhece, inicialmente, a forma dos acadêmicos se relacionarem com a eleição presidencial 2014.

O presente trabalho será respaldado pelas abordagens qualitativa e quantitativa. Para Minayo, Sanches (1993), a primeira busca descrever os aspectos fenomenológicos da problemática, que se circunscreve de forma investigativa no que se referem a processos, crenças e particularidades de um grupo, ou seja, uma visãoêmica (próprios às sociedades e grupos em estudo) de processos significativos. A segunda, para os referidos autores, tem em sua essência o levantamento de dados, indicadores e tendências, objetivando mesurar uma demanda de dados, dando clareza aos resultados através de variáveis.

Por se tratar de um trabalho em que questões serão levantadas a respeito de como é o envolvimento dos acadêmicos de Psicologia nas eleições 2014, é possível classificar essa pesquisa como um estudo de caso, pois possibilita que um problema seja estudado com maior profundidade (BELL, 2008). É um método de pesquisa que permite que muitas variáveis sejam levantadas, pois investiga um fenômeno dentro do seu contexto (YIN, 2005).

Conforme informado pela coordenação do curso, atualmente, são 658 alunos matriculados no curso de Psicologia da FSG, ou seja, a população foco de análise. Destes, 554 são do sexo feminino e 90 do masculino, com idades que variam entre 18 e 60 anos. Com estas informações, optou-se por trabalhar com amostragem probabilística para que os dados possam ser trabalhados de forma estatística, que permite considerar erros amostrais, conforme apresentado por Marconi e Lakatos (2008).

Para chegar ao número de amostra de 140 alunos e erro amostral de 7,5%, foi definida a população inicial de 658 alunos. Foi utilizada a fórmula inicial, definida por Barbetta (2005, p. 60), em que ele diz que “o tamanho da amostra aleatória simples pode ser calculada por $n_0 = 1/E^2$ ”, sendo E o erro amostral e n_0 o tamanho da amostra inicial. Após achar esses dados, usa-se a seguinte fórmula também de Barbetta (2005, p. 60) “ $n = (N \cdot n_0) / (N + n_0)$ ”, onde n é o tamanho da amostra corrigida e N é o tamanho da população”.

Para a coleta das informações sobre o envolvimento dos acadêmicos da Psicologia nas eleições de 2014, a pesquisa foi efetuada no próprio campus acadêmico (cidade de Caxias do Sul/RS, na Rua Os Dezoito do Forte, 2366), sem interferência das pesquisadoras.

A coleta de dados com a técnica do grupo focal foi conduzida pelas integrantes do grupo sob a supervisão do Professor responsável pela disciplina. A amostra definida foi de 10 alunos do sexo feminino. A técnica foi aplicada no próprio campus acadêmico, durante o período de aproximadamente 45 minutos.

Segundo Marconi e Lakatos (2008, p. 48), “toda ciência utiliza inúmeras técnicas na obtenção de seus propósitos”, sendo assim, as técnicas escolhidas para investigação do envolvimento dos acadêmicos da Psicologia com a eleição presidencial 2014 foram questionários (com perguntas fechadas) e grupo focal (com perguntas abertas). São técnicas complementares que, ao final, terão suas respostas cruzadas e analisadas tanto estatisticamente quanto pelo conteúdo apresentado.

Os questionários são “uma série de perguntas organizadas com o fim de se levantar dados para uma pesquisa, com respostas fornecidas pelos informantes, sem assistência direta ou orientação do investigador” (FACHIN, 2005, p.158). Foram dez questões fechadas com respostas estruturadas através da escala Likert, um dispositivo que mede a intensidade do sentimento e atitudes em relação a pergunta feita (BELL, 2008), onde o participante tem a opção de avaliar as afirmativas através de alternativas que vão desde concordo totalmente até discordo totalmente. Os questionários foram enviados por e-mail, via Diretório Acadêmico (DA).

A outra técnica para a coleta de dados é o grupo focal que se caracteriza pela discussão de uma questão, no caso, o envolvimento dos acadêmicos de Psicologia nas eleições 2014. O grupo foi composto de acadêmicos do curso em questão, moderadores (ou facilitadores, integrantes do grupo) e orientador / supervisor. O objetivo era que os participantes interagissem entre si, discutindo o assunto até chegar a um consenso ou não (BELL, 2008), através de roteiro semiestruturado. O papel do pesquisador frente o grupo focal é de facilitador, (BELL, 2008), intervindo apenas quando necessário.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Conforme descrito acima, utilizamos a escala Likert para tabulação do questionário, onde para todas as perguntas a legenda utilizada foi 1 representando discordo totalmente, 2 para discordo, 3 para indiferente, 4 para concordo e 5 para concordo totalmente. Após a coleta dos dados através do grupo focal e dos questionários, a análise dos resultados obtidos será feita através das abordagens qualitativas e quantitativas, respectivamente, correlacionando-as com os objetivos propostos do trabalho.

No questionário foram obtidas 147 respostas ao total, sendo que destas, 128 (86%) foram de mulheres e 20 (14%) de homens, conforme gráfico 1. Na técnica do grupo focal, participaram apenas mulheres. A diferença de respostas entre homens e mulheres no questionário já era um resultado esperado, pois o curso de Psicologia na FSG é composto em sua maioria por mulheres.

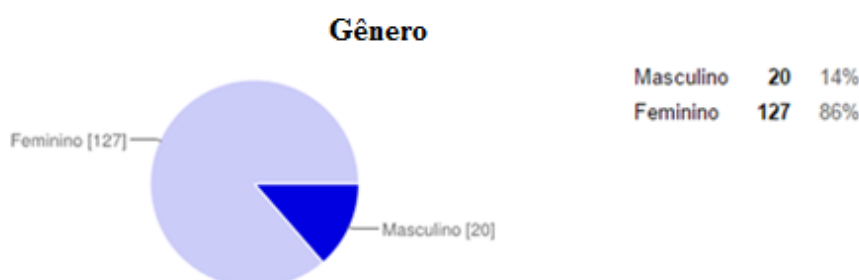


Gráfico 1: Gênero

Fonte: Pesquisa realizada com os acadêmicos do curso de Psicologia

No grupo focal, quando questionado sobre as redes sociais (facebook e instagram) foram citadas como formas mais frequentes de participação política. Outros citaram que seus familiares são candidatos a cargos políticos ou já ocupam um, porém, a minoria mostrou ter participação política mais ativa, participando de comícios, encontros políticos e filiação partidária, sendo assim, a maioria relatou não participar, por não acreditarem nos políticos.

Apesar disso, no questionário, como evidenciado no gráfico 2, observa-se que 44% dos acadêmicos discordam totalmente da não participação política justificada pela corrupção, o que se mostra como fator positivo perante as mais variadas formas de falta de ética política

na atualidade, onde apenas 4% dos acadêmicos preferem não se envolver, devido ao fato da política estar associada, muitas vezes à ideia de corrupção.

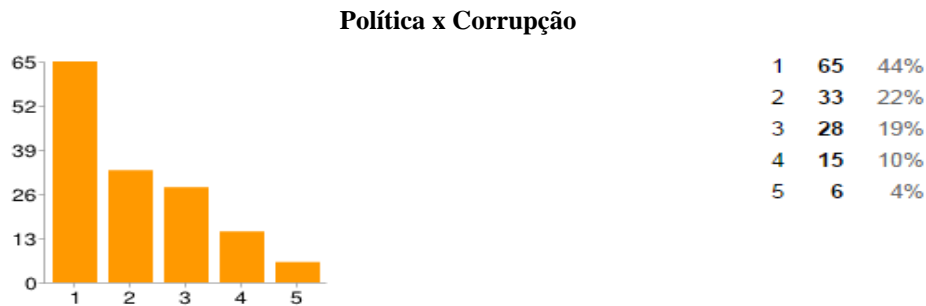


Gráfico 2: Política x Corrupção

Fonte: Pesquisa realizada com os acadêmicos do curso de Psicologia

Sobre as implicações do ato de votar como exercício da cidadania, observou-se que esse envolvimento possibilita aos sujeitos exercerem um lugar no social como sujeitos desejanter. No gráfico 3, 46% dos acadêmicos votaram conscientes de que o votar não é apenas por obrigação, mas como um direito de escolher seus governantes e, que é possível decidir o futuro de uma nação através dele. Apesar disso, 10% afirmaram votar somente por obrigação.



Gráfico 3: Voto x Obrigação

Fonte: Pesquisa realizada com os acadêmicos do curso de Psicologia

Nestas eleições, os acadêmicos relataram ter tido o conhecimento dos candidatos através das mídias jornal, redes sociais e televisão. Apesar da maioria dos acadêmicos terem uma participação política nos bastidores, eles utilizam muito a internet como forma de buscar informações sobre os candidatos que pretendiam votar. No gráfico 4, é possível notar que

34% pesquisaram se os candidatos tinham ficha limpa, quais eram as suas promessas, enfim, pesquisaram sobre a vida política e pessoal deles.

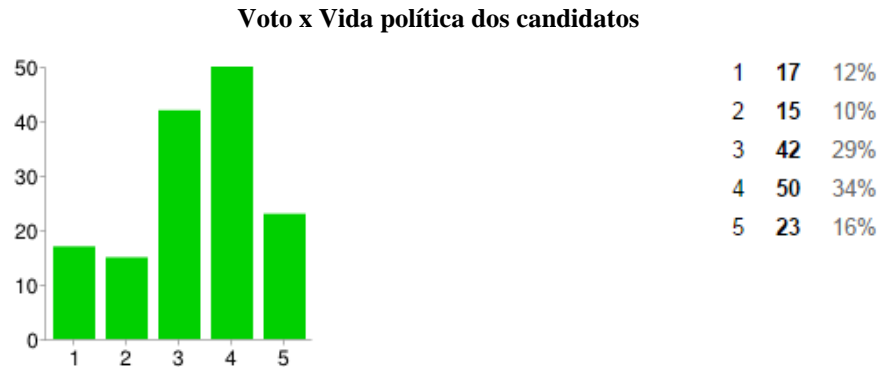


Gráfico 4: Voto x Vida política dos candidatos
Fonte: Pesquisa realizada com os acadêmicos do curso de Psicologia

As redes sociais apareceram também como um meio de influência no voto, apesar de muitas informações que são lançadas lá, a todo o momento e, de todos os lugares, nem sempre são verdadeiras. Um meio que os acadêmicos utilizaram para “fugir” disso é pesquisando em fontes confiáveis como site do TSE e do próprio partido político. No gráfico 5, nota-se que apesar da maioria (39%) acreditarem não mudar seu voto, elas apontaram ser um dispositivo bem forte, que pode influenciar o voto dos outros. Apenas 5% da amostra total acreditou que as redes sociais interferiram de alguma maneira na escolha de seus candidatos.

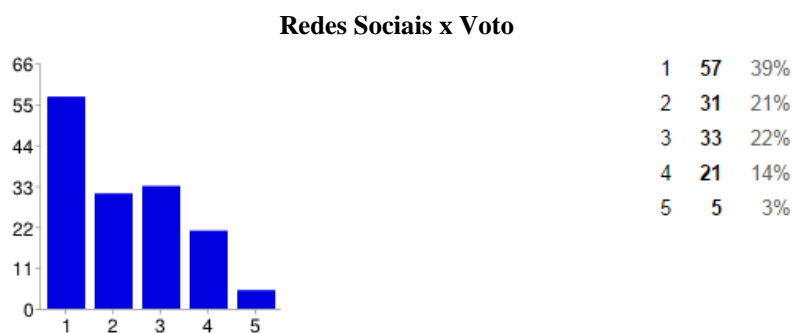


Gráfico 5: Redes Sociais x Voto
Fonte: Pesquisa realizada com os acadêmicos do curso de Psicologia

Outro fato importante é que as redes sociais não são apontadas como o melhor veículo para manifestar opinião sobre as eleições. Corrobora com essa ideia o gráfico 6, onde é possível observar que a maioria das pessoas são contrárias a manifestações preconceituosas e

ou não respeitando as opiniões divergentes das suas. Esta questão inclusive acalorou a discussão durante parte do grupo focal. Apenas 4% disseram expor suas opiniões nas redes sociais.

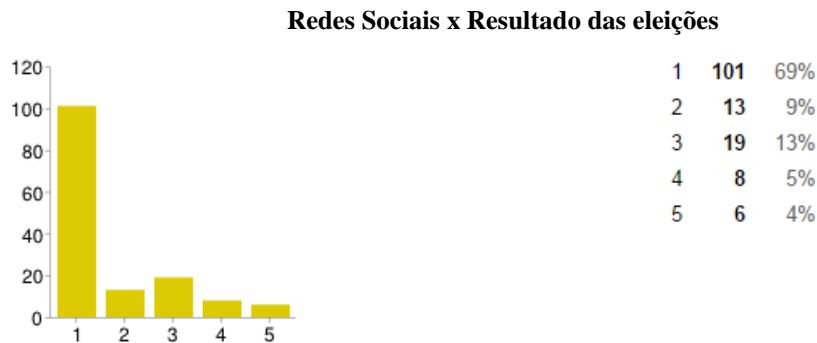


Gráfico 6: Redes Sociais x Resultado das eleições

Fonte: Pesquisa realizada com os acadêmicos do curso de Psicologia

Outra consideração a ser feita é o fato dos acadêmicos, em sua maioria, decidirem o seu voto sozinho, através de suas próprias ideologias e pensamentos. No gráfico 7, que questiona a influência dos pais na escolha do candidato, 48% deles responderam discordar totalmente dessa questão. Esse fato mostra que os acadêmicos preferem a família e pessoas com mais experiência para debater assuntos sobre política, mas, que essa conversa dificilmente será a única forma de escolha dos seus votos e também não é a mais influente.



Gráfico 7: Voto x Influência dos pais

Fonte: Pesquisa realizada com os acadêmicos do curso de Psicologia

No gráfico 8, um dado importante para a análise é que o horário político também não é a única ferramenta utilizada no momento da escolha dos candidatos. Concordam com essa ideia 40% dos acadêmicos que participaram da pesquisa. O gráfico também aponta que 27%

são indiferentes para essa questão. No grupo focal, os participante se mostraram indiferentes ao uso dos debates como fator decisivo para a escolha de seus candidatos. Eles argumentaram que poucas propostas de fato são apresentadas durante o debate, e que ele mais serve para que os candidatos troquem acusações.

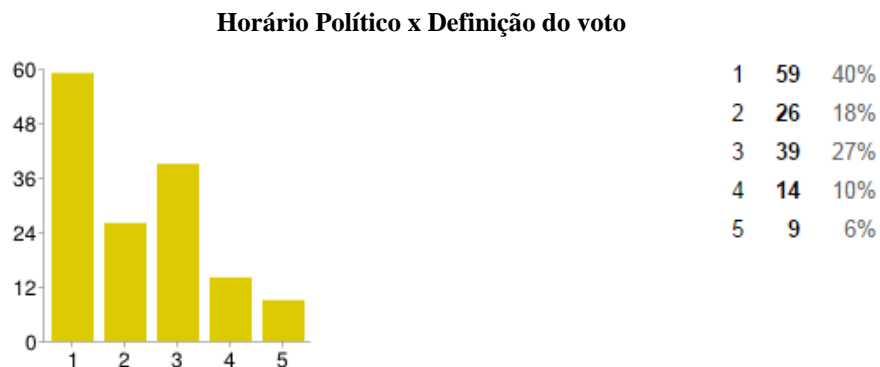


Gráfico 8: Horário Político x Definição do voto

Fonte: Pesquisa realizada com os acadêmicos do curso de Psicologia

Cabe sinalizar aqui a variação na influência partidária para a decisão do voto, este assunto também abordado no grupo focal apresentou oscilações. Alguns participantes atribuíam a este vetor de fundamental importância, fazendo valer de uma construção ideológica, porém para outros este não era algo tão relevante. O gráfico 9 aponta que para 18% dos entrevistados concordam totalmente sobre o fato de os partidos políticos não influenciarem nos seus votos e 27% tem opinião contrária.

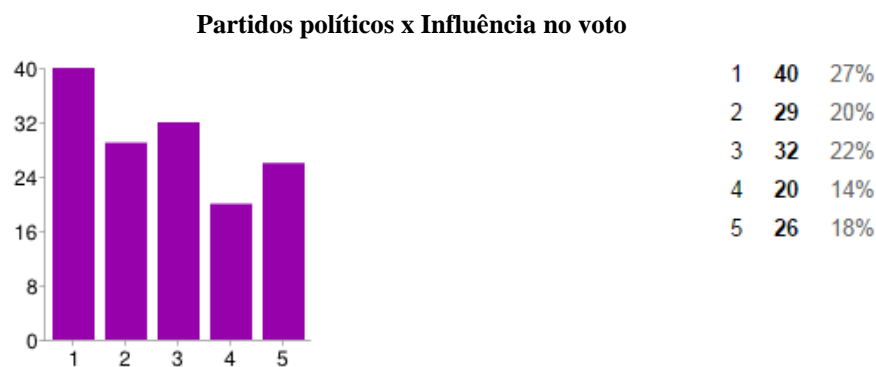


Gráfico 9: Partidos políticos x Influência no voto

Fonte: Pesquisa realizada com os acadêmicos do curso de Psicologia

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos levantamentos e aplicações apresentados no referido trabalho foi possível constatar que, a forma de participação política está muito além da simples escolha de um candidato em ano eleitoral. Ao longo da história, o conceito de política sofreu diversas alterações e contribuições até chegarmos aos moldes atuais. Neste sentido, não há como isentar-se da responsabilidade sócio/política, visto que mesmo exercendo o anonimato, uma simples conversa informal sobre política já projeta um lugar de participante, mesmo que indiretamente.

Ao analisar as técnicas de grupo focal e questionário, teve-se a oportunidade de desvelar a forma de participação e de comprometimento dos alunos de Psicologia da Faculdade da Serra Gaúcha com o exercício da cidadania, ou seja, esta oportunidade de escolher seus representantes. A forma de envolvimento se mostrou bastante diversificada, com pessoas bem envolvidas e outras nem tanto, o que de certa forma se mostra válida já que vivemos a democracia, onde cada um exerce uma forma de pensar e de expressar sua opinião.

Os meios de comunicação também se apresentam de forma relevante, a televisão e o rádio são vistos como veículos de informação em meio ao processo eleitoral. Estes trouxeram grande número de matérias, propagandas e informações sobre os candidatos. Em contrapartida, as técnicas desenvolvidas neste trabalho revelaram que as redes sociais tem grande ênfase nos resultados, mostrando-se como ferramenta que auxilia a expor as mais variadas formas de expressões e ideias a respeito das eleições e seus resultados, reflexo esse do momento histórico em que vivemos, onde as pessoas vivem conectadas.

Infelizmente o país está marcado pela falta de comprometimento ético com os cidadãos brasileiros, inúmeros são os casos de corrupção e desvio de dinheiro envolvendo os representantes escolhido pela maioria, fazendo com que a política, de forma geral, fique em descrédito. Pode-se pensar que muitas questões de caráter estão envolvidas, porém o voto ainda é a maneira mais eficaz de fazer valer os direitos constitucionais. Este ato conquistado com tamanho esforço necessita ser visto e exercido com a devida importância que tens.

Com a finalização do presente artigo, fez-se possível contextualizar historicamente o processo democrático do país assim como observar a forma de participação dos acadêmicos de Psicologia com as eleições. O que não se pode negar é que mesmo não se comprometendo

com o processo eleitoral as pessoas são tocadas e envolvidas por este cenário, instigadas a optarem por um ou outro candidato. Este modo de funcionamento propicia o movimento da soberania popular, característico do nosso contexto histórico e social.

6 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística Aplicada às Ciências Sociais**. 5. ed. Florianópolis: UFSM, 2005.

BELL, Judith. **Projeto de pesquisa: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BERLATTO, Odir (Org.). **Manual para elaboração e normatização de trabalhos acadêmicos do curso de ciências contábeis**. Caxias do Sul: FSG, 2010. Disponível em: <http://www.fsg.br/website_pt/user_files/File/Documentos/COT/ManualContabeis20101.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2010.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil o longo caminho**. 3. ed. Rio de Janeiro, 2002.

CASTRO, Henrique Carlos de Oliveira de; REIS, Fernanda Teixeira. **Participação Política no Brasil no Século XXI: mudanças e continuidades**. Disponível em: <<http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/311/214>>. Acesso em: 19 set. 2014.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 5 ed. [rev.] - São Paulo: Saraiva, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

JESUS, Marcos Paulo Oliveira de. **A importância do voto e de eleições limpas no processo de fortalecimento da democracia brasileira**. Disponível em: <<http://dspace.almg.gov.br/xmlui/bitstream/handle/11037/10889/tre-mg-revista-de-doutrina-e-jurisprudencia-do-tre-mg-no-30.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 18 set. 2014

MARCONI, Maria Helena; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 2005.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. **Qualitativo - Quantitativo: Oposição ou Complementariedade?**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/02.pdf>>. Acesso em: 27 out.2014.

SILVA, Kalina Vanderlei e Maciel Henrique Silva. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

Tribunal Superior Eleitoral. **Como escolher o seu candidato?**. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/institucional/escola-judiciaria-eleitoral/revistas-da-eje/artigos/revista-eletronica-eje-n.-2-ano-4/como-escolher-o-seu-candidato>>. Acesso em: 23 set. 2014.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.